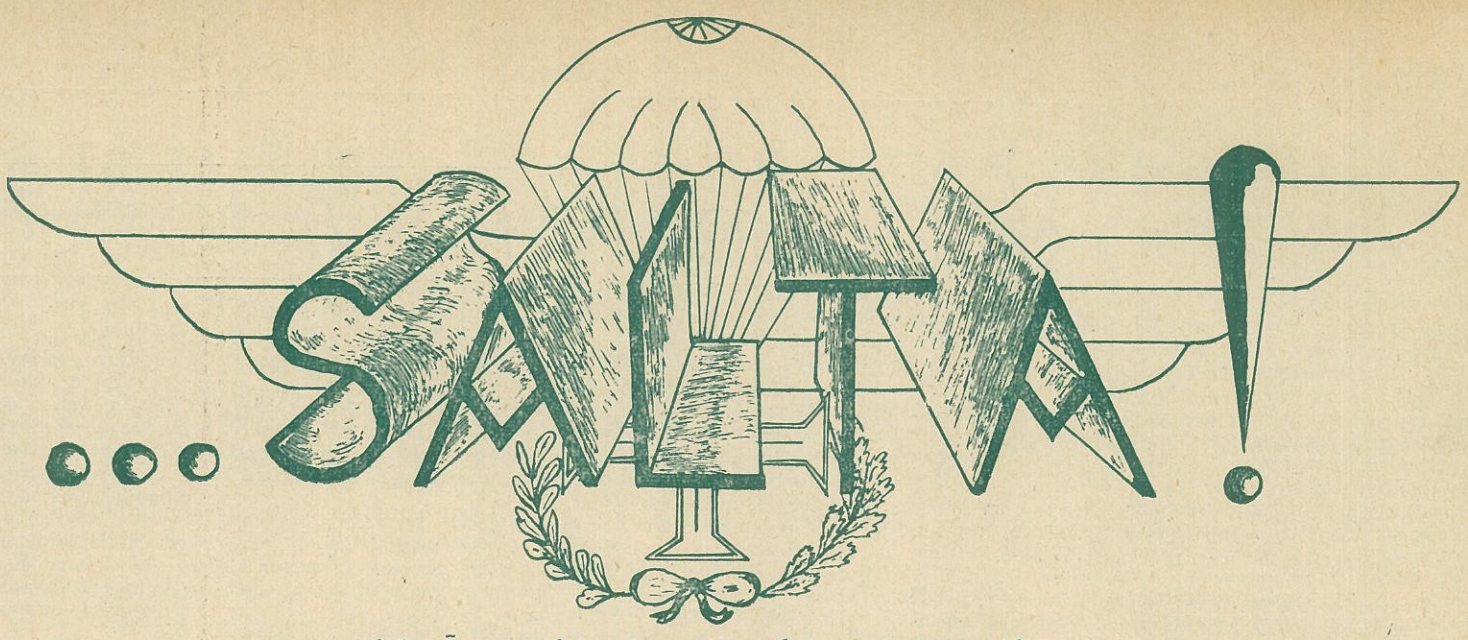


ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO I — Outubro de 1956 — N.º 2

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

EDITORIAL

SAUDAÇÃO AOS NOVOS RECRUTAS

É com o maior prazer, que tomo o primeiro lugar, para vos dirigir por intermédio do "SALTA!" as saudações de Boas-Vindas ao nosso Batalhão.

Pela primeira vez em Portugal vamos fazer paraquedistas e porque fui eu nomeado para vosso Director de Curso e para comandar a Companhia de Instrução é duplo o meu contentamento.

Confio em todos os Instrutores e Monitores e confio em vós, para que este Marco inicial, na formação de Paraquedistas, na nossa Escola, fique bem vincado e seja recordado por todos os que seguirem os vossos passos.

Sois voluntários, e à honra que isso vos dá, tereis que aliar todos os deveres que tal voluntariado vos acarreta.

É que ser voluntário, é um oferecimento de todas as vossas forças e boa vontade para alcançar um fim que vos propusestes.

A nossa ajuda é total, a nossa compreensão será sem limites, porque o vosso querer não conhecerá barreiras.

É dura a vida de paraquedista. Nem todos podem alcançar a invejada "BOINA VERDE" por isso os que a conseguem terão que defender o seu prestígio e honrá-la, sempre e em toda a parte. Sabemos que vós o quereis, tereis que provar o vosso querer.

Vós já sois, alguma coisa mais que o soldado que encontramos por essas fileiras, porque a primeira prova, e não é tão fácil essa primeira prova de aptidão física, já a passastes, já contraiste para convosco mesmos uma obrigação maior que simples oferecimento voluntário.

Esperamos que também esta primeira parte de instrução no Batalhão, e que não é mais que uma repetição da vossa Escola de Recrutas, não seja para vós um obstáculo, mas sim um laço, que vai crear em vós, que antes vos desconhecieis, uma amisade e uma camaradagem, apanágio dos paraquedistas do Mundo inteiro.

Em Janeiro começará a instrução paraquedista, então vos será pedido o máximo esforço, nem só físico mas também de vontade. Tudo há-de correr bem, disso tenho a certeza, para que todos vós sejais dentro em pouco, os novos representantes da ARMA que em todos os Países de todo o Mundo é o Orgulho dos seus Exércitos.

Até lá e sempre, encontrareis o nosso apoio e os conselhos de camaradas mais velhos que prometeram fazer de vós o que nós já somos:

PARAQUEDISTAS

Fausto Pereira Marques
Tenente Paraquedista

«PARAQUEDISTAS»

O Paraquedista não é mais homem que os demais, porém, será sempre o melhor soldado da Pátria.

Ao contrário do que muitos poderão pensar, lançar-se no espaço, corpo balouçando suspenso da seda enfunada, numa descida mais ou menos vertical para o solo, não é a verdadeira missão dos «Paraquedistas».

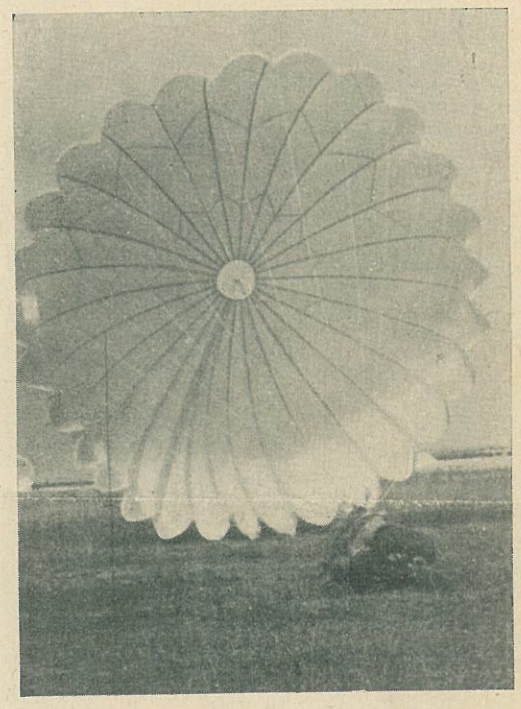
Para além da emoção que o salto lhes oferece, para além da luta que têem de travar ao aceder à escrita lei de Newton em que «os corpos atraem-se na razão directa das massas e inversa do quadrado das distâncias», algo mais há que executar.

Lançados em qualquer ponto aonde forem chamados a intervir, quáse sempre aonde nada de confortável poderão encontrar, em que todos os elementos são seus directos inimigos, enfrentando todas as adversidades, terão que haver-se com os seus próprios meios, indubitàvelmente, bastante escassos, numa luta desigual e satânica pela sobrevivência e pelo completo cumprimento da sua missão.

Aonde muitas vezes parecerá inacreditável a intervenção de qualquer tropa, eles terão que agir sem vacilar um só momento, porque da sua rapidez e decisão, pode depender o avanço de outros, como também, a solução com bom êxito dum intrincado problema.

Em variados casos, há missões que têem de ser executadas individualmente, e mesmo assim, embora seja um só a actuar, tem que procurar desenvencilhar-se delas com bom êxito, ainda que para tal, haja que sofrer as maiores provações.

Não são mais homens que os demais, porém, desde o salto com seus perigos inerentes, até à sua acção no terreno, terão que pôr em prova uma agilidade e desenvolvimento de acção inegualáveis, para poderem deixar bem vincados os efeitos da surpresa e da sua valia.



Último contacto com o paraquedas amigo. Depois . . . Acção! . . .

Firmesa no propósito de defender um Ideal e uma Causa. Prontidão em acudir a qualquer chamada e em qualquer instante. Entregar o seu espírito e o seu corpo em prol da Pátria, desde que se projecta no espaço desconhecido até que as suas forças se extingam para sempre. Esta é a verdadeira missão dos «PARAQUEDISTAS».

Claudino Ferreira

No amplo espaço, sedas iguais. Um só espírito. Uma só missão.

O Paraquedista não se pode nunca render, por mais críticas que sejam as circunstâncias; há-de estar sempre disposto à heroicidade, que para ele será uma forma de serviço. Vencer ou morrer não só deve ser o seu lema, se não sua forma real de actuar.

Paraquedista: o medo é o resultado da falta de confiança. Todos podemos chegar a valer mais do que aquilo que nos dizem ou se nos afigura que valemos; mas se alguma vez te vires no tranze de teres que te julgares cobarde, é preferível que morras com os olhos cerrados em frente do inimigo, que afrontares depois toda a vida a vergonha da tua falta de valor.

DO CÉU À TERRA NUM VIVA PORTUGAL

II

Plenamente decidida a ser paraquedista, havia que buscar a maneira de conseguir o ambicionado título.

Meti então mãos à obra!

Escrevi para a França à Odette Rousseau—campeã de 1955—a dar-lhe uns parabéns bastante atrazados. Mas o que eu queria era saber o que era necessário para tirar um brevet...

Cartas para cá, cartas para lá e finalmente resolvi que ia para Biscarrosse que é um dos vários centros nacionais do paraquedismo francês, directamente ligados ao Ministério das Obras Públicas, Transportes e Turismo.

Assim que recebi de França o documento oficial que me autorizava a frequentar o estágio de 21 de Maio a 9 de Junho (todos os estágios são de 3 semanas), meti-me a caminho.

Em França, o que mais me preocupava era a inspecção médica. Tive que ir a Arcachon e depois de "sofrer" durante uma hora lá obtive o tão desejado certificado de aptidão!

O centro de paraquedismo fica a uns 80 Kilómetros de Bordeus e a 4 Kilómetros da aldeia de Biscarrosse. Tem instalações para salas de aula, salas de dobragem, diversos bancos para saltos, arnês suspenso, dormitórios, refeitório, um hangar, 3 aviões (Dragon Rapide, Stampe e Storch) e um campo de 1 Kilómetro quadrado que constitui a area de saltos.

Ficando-se alojado no centro, a diária completa são 600 francos. Preferindo mais comodidades, há o hotel de Biscarrosse que é muito bom e onde se paga 1.200 francos por uma diária dompleta.

Pelos meus 15 saltos automáticos paguei 5.000 francos. E ainda pelo seguro (em França exige-se um seguro para todos os desportos, sendo o parapuedismo igual ao do vôo com motor) paguei 2 200 francos

O chefe do centro é Msr. Chaucerel, que tem o brevet n.º 2 de paraquedista francês e fês o seu 1.º salto em 1932! O instrutor chefe é o Pierre Lord, campeão do mundo de 1951 a 1954. Há ainda outro instrutor, Michel Prik que conta já cerca de 630 saltos.

Ao todo eramos 18 estagiários, dos quais 8 principiantes: 3 raparigas francesas, eu e 4 rapazes holandeses. Os outros 10 faziam estágios de aperfeiçoamento ou de instrutores.

O ambiente era muito fixe e de franca camaradagem. Tudo gente bem disposta! Havia sobre tudo um estagiário que se sentia paraquedista durante as 24 horas do dia. Se famos tomar um refresco àqueles pequenos restaurantes da região, marinhava por uma àrvore e dali pedia o que queria beber, exigindo que lhe fosse servido lá em cima... (As àrvores eram baixinhas.)

O tempo é que não ajudou nada. Era raro o dia em que não chovia e, pior, havia sempre imenso vento que, julgo eu, seria devido à proximidade do mar. Por isso a nossa instrução foi um bocadinho à pressa e para nós, novatos, bastante dura.

Durante a 1.ª semana do estágio tivemos instrução no solo, com saltos do banco, o "roulé-boulé" — nome que os franceses dão à monobra que fazemos ao aterrar, exercícios no arnês, na "maquette" ou mesmo no avião. Em Biscarrosse não há torre.

Tivemos também que aprender a dobrar o paraquedas, pois no paraquedismo civil cada um dobra sempre os seus paraquedas. Em geral distribuem-nos mais que um para se poderem fazer saltos consecutivos.

Tivemos ainda aulas teóricas sobre as características do T. A. P 660, materiais de que são feitos os paraquedas, sua manutenção, organização de uma sessão de saltos, teoria de saltos, acidentes e precauções a tomar, navegação do paraquedas, tracções e deslizamentos, saltos nocturnos e para a água, etc.

No fim de semana tivemos um exame teórico e prático sobre tudo o que tinhamos aprendido. É o C. A. P. P. (certificado de aptidão preparatória ao paraquedismo) que é absolutamente eliminatório e sem o qual não se pode começar a saltar.

Fiquei satisfeitíssima por ter obtido a 1.ª classificação, não só pelo brio de não deixar ficar mal os portugueses, como por ter conseguido "sobreviver" ao cansaço e esforço que esta preparação exige. Não me posso queixar muito porque os franceses cuidam imenso de nós e são da opinião que se o paraquedista já está muito fatigado antes de saltar, é impossível que faça bom trabalho, por falta de resistência.

As duas semanas seguintes do curso eram destinadas a fazer os 15 saltos, equivalentes ao 1.º grau do brevet francês.

Aos sábados a partir do meio dia até 2.ª feira não se saltava mais.

Bem nos levantavamos às 5 horas para aproveitar a manhãzinha mas a chuva e o vento imitavam-nos sempre! Estava a ver o caso mal parado porque ainda por cima precisava de vir 3 dias antes do curso acabar para poder entrar na 1.ª volta aérea a Portugal.

Mas Nosso Senhor ajudou-me mais uma vez e nos últimos 3 dias consegui fazer 7 saltos que me faltavam para obter o meu brevet (que tem o n.º 1365) e também consegui chegar a tempo da Volta.

Saltávamos sempre do DRAGON RAPIDE, dos 500 metros e em automático. Os nossos primeiros saltos foram individuais, depois passaram a ser a 3 e 3 e finalmente em stick.

Desde que nos punhamos à porta até o paraquedas se abrir eramos observados por um instrutor que ia sempre conosco no avião. Cá em baixo num jeep com rádio, outro instrutor (de binóculos ..) ia-nos corrigindo os exercícios que nos tinham sido destinados na reunião antes e depois de cada sessão de saltos.

Em cada salto tinhamos um trabalho diferente a fazer: glissadas simples e alternadas, aterragem de precisão, abertura do paraquedas de socorro, dois simulacros de abertura dum paraquedas comando. . etc.

As minhas companheiras não subiam às àrvores, mas eram muito simpáticas! Eu julguei que fosse encontrar umas francesas todas desempenadas e "atiradas para a frente", mas não, graças a Deus eram meninas e basta. .

Nos primeiros saltos, uma delas, chorava no avião... Outra vomitava .. Outra ainda, saltava sempre com a sua caixa de pó de arroz e assim que se levantava do chão, a primeira coisa era fazer a "toilette"!

Eu era conhecida por "Le Portugal"! Era a mais nova, mais leve, (1) a 1.ª do curso que saltou e a única que nunca torceu nada . Aqui entre nós, eu digo que foi um milagre!

Fico rogando que dentro em breve eu possa sentir a satisfação de ser bafejada pelo mesmo milagre...

.. Saltando no nosso Portugal!...

Isabel Bandeira de Mello (Rilvas)

(1)—N. R.—48 Kilos—Mais vale pesar 48 do que 84 Kg...
"Paraquedista! Se podes descer mais devagar .. desce!"

Tropas Aéreas

Em 1950 — já lá vão seis anos — um dos actuais componentes do nosso Batalhão escrevia e publicava sob este mesmo título o que abaixo se transcreve.

Então, em Portugal poucos falavam de paraquedismo e menos ainda pensavam em largar-se de um avião voando.

Tendo em atenção este factor e ainda os então verdes anos do autor, talvez o desculpemos da sua «infantilidade paraquedista».

Eis um dos aspectos mais recentes e importantes da guerra moderna — as tropas aéreas, que constituem uma recente modalidade no combate e que vieram alterar profundamente as operações de guerra, por constituirem mais um elemento de ataque à disposição do Comando, e também uma ameaça quáse permanente com que este tem de contar.

Pode dizer-se que as tropas aéreas só apareceram por volta de 1930, altura em que alguns paraquedistas tomaram parte em manobras russas em Kiew, mas nos anos seguintes continuaram os exercícios com tropas lançadas no ar, e daí para cá, quáse todos os países por elas se têm interessado.

Os alemães seguiram de perto as experiências russas e fizeram progressos, tendo até enviado alguns paraquedistas para Espanha. Tanto trabalharam a matéria que, no início da guerra 1939-45, possuíam algumas unidades de tropas aéreas e, o que era mais, tinham colhido muitos ensinamentos que lhe permitiriam executar operações com possibilidades de êxito.

Na primeira parte da guerra, foram os alemães que mais empregaram tropas aerotransportadas. Assim, temos conhecimento de várias operações levadas a cabo:

Na Austria e na Polónia foram empregadas em pequena escala.

Na Noruega desempenharam um papel fundamental, pois foi-lhes confiada a missão de se apoderarem dos pontos vitais do país, — centros de comunicações, aeródromos, etc., — e cumpriram-na de tal maneira que as forças norueguesas não chegaram a reagir de modo a constituirem um obstáculo sério para as tropas invasoras.

Na Holanda facilitaram-lhes muito o avanço, neutralizando fortificações, tomando pontes intactas, desorganizando a defesa.

Na Grécia colaboraram intimamente com as tropas motorizadas e, entre outras acções importantes, permitiram a rápida passagem do Canal de Corinto.

Em Creta foram elas que desempenharam o papel principal; a invasão da ilha, naquela altura, só se poderia fazer por via aérea, visto que os alemães não dispunham do domínio do mar; assim a fizeram e, embora com bastantes baixas, completaram a ocupação em oito dias.

Os Aliados empregaram também tropas aéreas, mas só a partir de 1942 este emprego se revestiu de importância:

Na Finlândia os russos foram mal sucedidos devido à má organização das operações e dificiente preparação das tropas.

Na Argélia e na Tunísia os ingleses empregaram-nas na ocupação de aeródromos e outras missões nem todas bem sucedidas.

Na Sicília, em 1943, efectuaram-se operações com paraquedistas e planadores que fracassaram, principalmente estes últimos, devido ao pouco treino das tripulações dos aparelhos.

Na Normandia foram lançados 14.000 homens por ocasião do desembarque naval, tendo cumprido a sua missão de proteger os flancos da testa de desembarque.

Na Holanda, em Arnhem, foram lançados 10.000 ingleses que foram aniquilados porque lhes faltou o apoio das forças principais que estavam demasiado longe, a 100 km., e não puderam avançar com a rapidez prevista.

Na travessia do Reno foi efectuada uma operação do mesmo género que teve êxito, porque as tropas principais que se encontravam perto desencadearam simultâneamente um ataque e, pouco depois, estabeleceram contacto com as tropas aerotransportadas.

No Pacífico cooperaram em desembarques navais e efectuaram muitas missões especiais.

E, para terminar esta já longa enumeração de algumas das mais importantes acções passadas, segundo notícias mais ou menos recentes, na Coreia realizaram-se operações de certa envergadura com tropas aerotransportadas que tiveram êxito; e na Indochina os franceses têm utilizado paraquedistas na luta contra o Vietemine.

Antes de mais, convém assentar ideias sobre os ramos das tropas aéreas. É vulgar designá-los por paraquedistas, mas, verdadeiramente eles compreendem os paraquedistas — elementos lançados em paraquedas — e os elementos lançados em planadores e, por vezes, em aviões. Além destas tropas aéreas (Forças Aerotransportadas) há as tropas normais transportadas geralmente em aviões (Forças Aerotransportáveis) que nada têm de especial além do meio de transporte que utilizam, e que não possuem aquele conjunto de características que define as tropas aéreas.

Estas tropas aplicam-se em diferentes circunstâncias e com variadas missões. Actuam à retaguarda das linhas inimigas e desempenham não só acções de pequena envergadura, como ataques a centros de comunicações, a pontos de passagem importantes, a colunas e postos de comando, ataques para desorientar e desorganizar as forças inimigas, etc., mas também acções de grande envergadura, destinadas à criação duma nova frente que, atacando a retaguarda, envolverá as forças inimigas, obrigá-las-á a retirar ou, pelo menos, aliviará a pressão dessas forças na frente principal.

Nas pequenas acções são mais utilizados os paraquedistas, ao passo que nas acções de grande envergadura usam-se geralmente paraquedistas e planadores para a conquista duma testa de desembarque onde se possa fazer aterrar um número mais ou menos elevado de planadores e aviões que transportarão o grosso das forças a empenhar e os meios necessários à sua manutenção.

Para a realização destas operações, principalmente as de grande envergadura, é necessário possuir-se o domínio do ar, e a melhor maneira de o conseguir será manter neutralizados os aeródromos inimigos donde possam vir ataques.

Também é preciso ter vários aeródromos donde possam partir, com a necessária regularidade, os aviões de transporte e os de apoio (caças e bombardeiros).

Para que se possam empregar tropas normais transportadas em aviões, é ainda necessário dispôr na testa de desembarque de aeródromos que não estejam sob o fogo inimigo, o que só sucede depois dos elementos paraquedistas e em planadores terem conquistado e ocupado uma zona suficientemente larga.

A realização de todos os transportes e a respectiva protecção requerem um plano e sua execução absolutamente perfeitos, pois que basta haver uma falha de poucos minutos para que se deem atrazos e aglomerações que prejudicarão a boa marcha da operação.

Falemos agora um pouco de paraquedistas.

O paraquedas não se pode considerar antigo, visto que, embora já nos fins do século XIII se pensasse nele, só foi levado a sério nos princípios do nosso século, e só teve aplicação pròpriamente militar por volta de 1930.

Os paraquedistas podem ser lançados de várias alturas, nunca muito inferiores a 100 metros, e com paraquedas automáticos (abertura provocada pela extensão de uma fita presa ao avião) ou (abertura controlada pelo próprio paraquedista) manuais.

Embora tenha o inconveniente de sujeitar muito os aviões ao fogo antiaéreo, o processo mais utilizado é o lançamento a baixa altura, à volta de 100 metros, e com paraquedas automáticos; assim, a duração da descida e mínima (apenas uns 15 segundos).

No caso do lançamento a grande altura, os paraquedistas estão sujeitos durante muito tempo ao fogo inimigo e dispersam-se mais devido às correntes atmosféricas. Estes inconvenientes remedeiam-se de certo modo utilizando paraquedas manuais que só são abertos à volta dos 150 metros; mas isto, além de prejudicar os homens, exige que estes tenham um treino muito completo e uma calma e sentido de oportunidade perfeitos

Os paraquedistas transportam consigo as suas armas individuais; o equipamento deve ser o mais ligeiro possível. As armas, como metralhadoras, morteiros, lança-granadas, e respectivas munições, são lançadas, ao mesmo tempo que os homens, em caixas com paraquedas e amortecedores. Também se poderão lançar, com um ou mais paraquedas, veículos e armas pesadas, montadas ou decompostas em cargas, mas estes lançamentos são difíceis e sempre que possível feitos por meio de planadores.

Um dos problemas mais difíceis de resolver é a reunião dos homens duma mesma unidade depois da aterrissagem. Atendendo à velocidade relativamente elevada a que o avião faz o lançamento e, mesmo sem entrar em linha de conta com a acção do vento, compreende-se fàcilmente que os homens fiquem espaçados de intervalos que podem chegar a atingir quase uma centena de metros. Facilita-se a resolução deste problema reduzindo ao mínimo possível a velocidade do avião e aumentando até ao máximo a cadência de lançamento

E agora duas palavras sobre o planador.

É este um elemento de grande importância para as tropas aéreas, pois permite transportar armas pesadas, veículos e abastecimentos, cujo lançamento em paraquedas seria difícil ou pouco rendoso. Tem, no entanto, uma desvantagem que por vezes o torna desaconselhável: a sua pequena velocidade, tanto enquanto ligado ao avião de qualquer espécie que lhe serve de rebocador, como depois de largado, faz com que constitua um alvo facil para a defesa antiaérea.

Há planadores de variadas espécies e tamanhos, desde gigantes que transportam 15 toneladas e são rebocados por vários aviões, até aparelhos de poucas centenas de quilos. Porém, os mais empregados tem uma capacidade de transporte que vai de 1.000 a 3.000 kg. e, devido à sua pequena velocidade de aterragem, basta-lhes, para pousarem, qualquer planura com uns 30 metros de comprimento ou pouco mais. O avião rebocador geralmente larga-os a uma altura de 500 a 1.000 metros e a uma distância de 3 a 8 km do local previsto para a aterragem, local esse que deve ser fàcilmente reconhecível, para evitar erros difíceis de remediar.

O avião de transporte raramente é utilizado pelas tropas aéreas para aterrar, visto que necessita duma pista conveniente. Mas para transportar os paraquedistas e rebocar os planadores é largamente usado.

Um outro meio de transporte que quase não foi empregado, mas que, atendendo ao seu desenvolvimento, se pode prever a sua larga utilização futura, é o helicóptero. Com efeito esse aparelho permite estabe-

(Continua na página 3)

MERGULHANDO NO PASSADO

Quando nos dispomos a transportar a nossa idea, numa viagem através dum passado próximo ou distante; quando tentamos retratar em nossa mente imagens de factos já vividos, encontraremos por certo, fases onde a nossa viagem se detém, numa ânsia evidente de reconstituir certos episódios.

Tu, Paraquedista, debruçando-te instintivamente na memória do teu ainda curto passado de Homem do Ar, desfolhando o teu Album de recordações, encontrarás já, certamente alguns factos justificativos duma demora um pouco mais vincada da tua atenção.

Um desses factos, no entanto, se erguerá acima de todos os outros, representando como que um ponto de separação entre duas fases distintas da tua vida. Adivinhas, naturalmente, que me refiro a esse dia inolvidável em que pela primeira vez lançaste no espaço o teu corpo, entregue confiantemente à protecção da seda. Foi o dia do teu Primeiro Salto. Não o poderás ter esquecido. Tiveste que ser nesse dia feliz como nunca; e quando agora alguém curioso, procura junto de ti saber as emoções fortes dessa tua primeira viagem aérea, encontrarás por certo dificuldade em reproduzir o que de verdade se passou. É que, a onda de entusiasmo, que nessa hora te invadiu a alma, foi suficientemente forte para afogar no inexplicável, a verídica descrição da tua pequena odisseia.

Tinhas enfim vencido. A tua victória foi o produto fiel duma persistência forte, e como o cenário que serviu de palco a todas estas manifestações de vontade fica um pouco para além das fronteiras que limitam o teu Torrão Lusitano, levaste até essas paragens, uma mensagem valiosíssima do Português que sabe Querer.

A. Marques de Carvalho

TROPAS AÉREAS

(Continuação)

lecer ligação em ambos os sentidos entre a base de partida e a área de desembarque. Tem, entretanto, o inconveniente da sua reduzida velocidade, mas isto não chega para que deixemos de o considerar um elemento utilíssimo e com inúmeras aplicações nas operações com tropas aéreas.

Em conclusão, podemos considerá-lo um elemento intermédio entre o avião e o planador, com a possibilidade de retorno do primiero e a facilidade de aterragem do segundo.

As tropas aéreas, devido à sua maneira de actuar, têm características especiais. Os homens devem ser fisicamente fortes, suficientemente inteligentes e desembaraçados, corajosos, decididos, de moral elevado e persistente. Têm de obedecer àquilo que constituía um dos mandamentos do paraquedista alemão: «Ser veloz como o galgo, flexível como a sola, duro como o aço».

Têm de ter uma instrução longa e cuidada, abrangendo não só a instrução das tropas de infantaria, mas também preparação especial, incluindo descidas em paraquedas, uso de armas e explosivos especiais, operações noturnas, orientação em terrenos desconhecidos, etc., e, além disso, devem estar aptos a tomar o comando da sua unidade elementar no caso da falta do comandante.

Para finalizar, podemos afirmar que o homem das tropas aéreas precisa ter elevadas qualidades físicas, intelectuais e morais. Estas últimas são imprescindíveis.

Para se lançar sem saber o que o espera, sem mesmo saber se terá oportunidade de ver e atacar o inimigo, para combater horas e horas sem interrupção, esquecer a fadiga, o isolamento, a fome, todas as contrariedades, e continuar combatendo sem desânimo enquanto não estiver cumprida a missão e enquanto tiver uma arma, o homem das tropas aéreas precisa possuir coragem, decisão, calma, espírito de sacrifício, em grau tão elevado como em poucas mais modalidades de combate.

S. C.

Os nossos Poetas

Rua...

A minha alma debruçou-se da janela
Viu a rua
E ficou triste
Porque nela
Encontrou aquilo que sempre lá existe.

Lá estava a velha das pevides,
Calada,
A olhar para os transeuntes
Numa espera calma e socegada
De ganhar uns tostões
Para comprar pão
E um retalho para remendar
Dos netos os calções...

À porta da taberna
Lá está o velho de sobretudo coçado,
Nos olhos tem uma remela esquecida.
O seu olhar é já cansado
... Ele espera também...
Espera por um copo de vinho
E por dois dedos de conversa
Em que possa relatar
Os feitos da sua mocidade
Que ele vive e conta
Com tanta saudade...

Também vi
A menina de olheiras fundas
Que todos os dias
Espera o carteiro.
Ela sabe que passa na rua
Aquele senhor oficial
Que olha sempre para a janela
... Nem o posto lhe conhece
Mas parece que repara nela.
Ela pelo menos assim o pensa
E por isso espera
Uma carta ambicionada
Há na sua alma
Uma esperança dormente
Que nunca será realizada...
O senhor oficial
De galões dourados
Também tem a sua namorada
E dizem que vai casar.
Olha para a menina de olheiras fundas
Por olhar...
Mas nunca reparou nela
E a menina de olheiras fundas
Continuará a esperar

Aqui nesta rua esquecida
Todos esperam que a Vida
Lhes traga felicidade.
Até os gatos
Tão pacatos,
Ao sol deitados,
Esperam com ansiedade
Por Janeiro frio
Pela época do cio...

L. S. Faria

Divagação

Deixa adormecer, cansados, meus lábios nos teus lábios,
Num beijo, sem desejo só brandura...
Deixa ficar, entre os meus, teus dedos sábios,
Calmos os olhos castos, serena a boca pura.
Respire eu só o ar que tu expiras;
Que sejam teus, os passos que já fiz;
Que eu sinta as tuas mágoas, quando tu suspiras,
E ria de ventura sempre que tu ris,
Deixa o tempo passar... Deixa-o fugir veloz...
Apaguem-se os meus olhos, sossegue a tua fala
E só por ambos fale o que ficar de nós:
Da glória ambicionada, coroada ou esquecida,
Irá para além de nós a voz que se não cala,
Do amor sereno e puro que for a nossa VIDA..

Leite Ferraz

SER JOVEM

A juventude não é um período da vida; é um estado de alma, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor do conforto.

Não é velho aquele que viveu um certo número de anos, mas é velho o que desertou do ideal. Os anos enrugam a pele mas o renunciar ao ideal enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desespêros são os inimigos que lentamente nos fazem inclinar para a terra, e tornar-nos poeira antes da morte.

Jóvem é aquele que se admira e se maravilha. Interroga, como criança insaciável: e depois? Deseja os acontecimentos e acha alegria no jogo da vida.

Tu és tão novo como a tua fé; tão velho como as tuas dúvidas.

Tão novo como a tua confiança em ti próprio, como a tua esperança; tão velho como o teu desânimo. Serás jóvem enquanto sentires. Sentires o que é Belo, Bom e Grande. Sentires as mensagens da Natureza, do Homem, do Infinito.

Se, um dia, o teu coração fôr mordido pelo pessimismo e roído pelo cinismo, Deus tenha, então, piedade da tua alma de velho.

General Mac Arthur

SE...

Rudyard Kipling

Se podes conservar a serenidade quando todos à tua volta
A estão perdendo e censurando-te por isso;
Se podes confiar em ti próprio quando todos duvidam de ti,
Mas aceitando também, a tua dúvida;
Se podes esperar, sem que a demora te canse;
Ou, sendo caluniado, não recorres a mentiras
Ou, sendo odiado, não correspondes com ódio,
E, contudo, não pareces bom demais, nem presumes de sábio;

Se podes sonhar — e não fazes do sonho o teu senhor;
Se podes pensar — e não ficas, só em pensamento;
Se podes enfrentar o Triunfo e a Derrota,
E tratar esses dois impostores de igual maneira;
Se podes resignar-te a ouvir a verdade que tens proclamado
Desfigurada por tratantes para fazer uma armadilha de tolos;
Ou ver desfeitas as coisas a que consagraste a tua vida
E, submisso, construí-las de novo com ferramentas gastas;

Se podes fazer um monte de todos os teus ganhos
E arriscá-lo num lance de «moeda ao ar»;
Perder e voltar outra vez ao princípio,
E nunca soltar um queixume acerca da tua perda;
Se podes forçar o coração, os nervos e os músculos
Para servir o teu fim, muito depois de eles se terem esgotado,
E assim perseverar quando em ti já nada existe
A não ser a vontade que lhes diz «Continuem!»

Se podes falar com a multidão e manter a tua virtude
Ou privar com reis — sem deixares de ser simples;
Se nem inimigos nem amigos queridos conseguem magoar-te;
Se todos contam contigo mas nenhum mais do que deve contar;
Se podes preencher o implacável minuto
Com o valor de sessenta segundos de caminho percorrido,
É a tua Terra e tudo o que ela contém,
E — o que é mais — meu filho, serás um Homem!

DA IMPRENSA...

PROPAGANDA

No último número da "Revista do Ar" foi publicada uma notícia com o título "PROPAGANDA DE PARAQUEDISMO", e do qual tomamos a liberdade de transcrever o seguinte:

"Chegando a Portugal, depois de ter brilhantemente obtido em França o seu "Certificado de paraquedista desportivo", a nossa camarada Isabel Bandeira de Mello (Rilvas) confiou à "Revista do Ar" as suas impressões do seu estágio, na Escola de Biscarrosse, publicado para o efeito um interessante artigo nas nossas colunas.

No intuito de virem a ser conseguidos adeptos para a causa do Paraquedismo e facilitar o recrutamento indispensável de mancebos para o nosso Batalhão de Paraquedistas, entendeu o Subsecretariado de Estado da Aeronáutica aproveitar esse artigo, e o exemplo da nossa querida camarada, e distribuí-lo em folha volante nos locais onde os nossos paraquedistas façam missões de treino e de propaganda.

Apraz-nos esta notícia, e foi para nós grande surpresa, em virtude de não termos ainda o mínimo conhecimento, do que inserem esses panfletos, na íntegra.

CAMPEONATO DO MUNDO DE PARAQUEDISMO

Realizaram-se no passado Verão, em Moscovo, os Terceiros Campeonatos do Mundo de Paraquedismo. Por equipas masculinas classificaram-se: 1.º Rússia; 2.º Checoslováquia; 3.º Jugostávia. Por equipas femininas: 1.º Rússia; 2.º Checoslováquia; 3.º França. Além destes países apresentaram equipas Inglaterra, Itália, Polónia, Bulgária e Roménia comparecendo ainda outros concorrentes individuais e observadores.

A equipa russa estava equipada com paraquedas quadrangulares e a Checoslovaca com paraquedas tipo Irving T-6.

Em saltos de precisão — 1.500 m. e 20" de queda livre — o búlgaro Charkov aterrou a 1,35 m. do painel e o soviético Pekhlin a 1,37 m.

PARAQUEDISTAS ANGLO-FRANCESES NO CANAL DO SUEZ

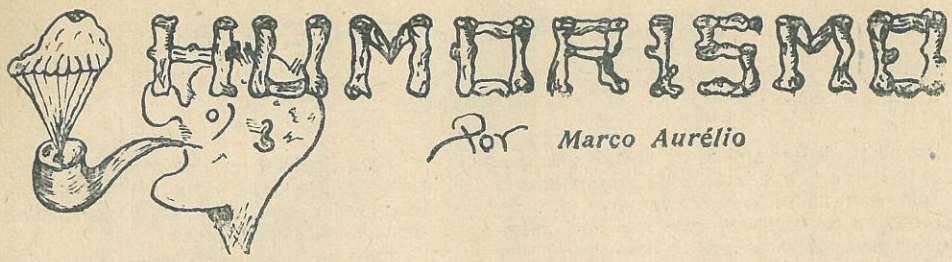
No rol das grandes operações efectuadas com tropas paraquedistas, podemos englobar a que ultimamente se realizou nas imediações do Canal do Suez.

Como no número passado noticiamos, desde há já bastante tempo, que deslocadas de França e Inglaterra com destino à Ilha de Chipre, seguiam brigadas de paraquedistas.

Ali, fizeram a sua concentração e aguardaram a hora em que tiveram de agir. Essa hora soou, e então, um total de 18.000 homens foi lançado sobre os pontos estratégicos das imediações do Canal.

Cortaram quáse todos os meios de comunicação apreenderam grandes quantidades de material de guerra e conseguiram desalojar e tomar posse dos pontos de defesa e apoio dos egípcios.

Homens de duas nacionalidades irmanaram-se num só querer e numa só missão, efectuando uma das operações que ficará gravada na história do paraquedismo.



Tragédia em 1 único acto

— Esquerda, vol... ver!...

— Olha lá tu, ó bruto? És da serra? Qual é a tua mão direita?

— *Xaiba voncê mê* sargento, *qu'a* minha mão *derêta* é a *oitra* que não é *isquerda*...

— Aproxima-te meu burro, que te vou fazer umas cócegas...

— *Aí mê* sargento, cócegas só *las* tenho nas *prantas* dos *péses*... Só se o *mê* sargento quere que *discalce* as botas, mas sempre *le* digo ..

— Cócegas doutro género, meu pândego!...

— *Doitro género!... doitro género!... doitro género*, só se for o da sogra do *mê cumpadre* Serapião que *lo* tem de seiscentos *demoinos. Xaiba* o *mê* sargento *qu'inda* no *oitro* dia só por o Serapião dar um *tabefe* na mulher dele, ela *le* saltou em *riba* que *ló* ia matando, coitado! *Inté* um *vezinho*...

— Cala-te bárbaro, cala-te ou endoideço!. . Isto de ser-se sargento custa muito, atura-se cada um!...

— Cada um não.. *É cá*, sou o soldado *recluta número* 233 da *carta* e conhecido na minha terra pelo Bastião, *qu'ê* o *mê* nome de batismo.

— Bastião serás não tarda nada... (o sargento ata as mãos na cabeça, como quem se sente enlouquecer)

— Ah!...Ah!. . Ah!... Ih... Ih... Ih..., o *mê* sargento agora é *qu'istá* patusco, parece mesmo que está a segurar a cabeça com medo qu'ela caia. Ah!. ah!.. Ah!. — ri apertando a barriga com as mãos.

Nesta altura o sargento instrutor reage e prega um valen e pontapé no assento do Bastião.

— Toma burro, para aprenderes!

— O *mê* sargento *vêja* lá em quem bate *óviu*? Olhe que ê perco-*le* o *respêto* e *ferro-lhe* duas *lambadas*. Olhe que de mim ninguem faz pouco, *óviu*? Na minha terra toda a gente me *respêta. Inté* o *ser* abade diz *qu'ê* sou *isperto* e *inducado*. Vêja bem o que faz, que num *home*, para mais pai de filhos, *num* se bate, assim sem mais para quê. *Atão!* — e virando-se para os colegas, acrescentou: — *Auga* mole *im* pedra dura tanto dá *qu'inté* que fura . um *home ná* é de pau . homessa!!! .

O sargento então enlouquece e com os olhos esbugalhados e a boca meia aberta, desaparece a correr pela parada. Entretanto chega o comnadante da companhia e quer saber o que se passou.

— Então que foi?

— *Xaiba* o *mê capitan*, começou o *Bastião* ainda sobre os efeitos da cólera que o nosso sergento me *ferrou* um pontapé no .. no .

— No trazeiro — diz o capitão

— Isso mesmo, no trazeiro; que parece coice de mula. *E bá ê nã le* consenti e disse-*le*... duas...

— Ora acalma-te... Diz-me o teu número...

— O *mê número*, mas onde? nas comédias que *fizêmos* todos os anos pelos *reizes*, lá na terra?

— Não homem, na Companhia — explicou o capitão perdendo a paciência.

— Na companhia só se for da minha mulher, porque senão ela faz um *berrêro* que ninguêm *la* atura...

— Estúpido! Grande cavalgadura! — o capitão está prestes a enlouquecer também — o número da tropa, o algarismo, enfim, a tua matrícula cá dentro ..

— Matrícula *nã* tenho, *nã* senhor. Só se foi o nosso cabo que ficou com ela..

Neste momento o capitão desmaia e o pano cai em cima do Bastião.

Fim do 1.º e último acto (da pouca vergonha)

Curiosidades

Os presos da cadeia estadual de Mississipi que ganham cerca de 85$00 por dia foram autorizados a comprar aparelhos de televisão, à prestações, para as suas celas. O vendedor destes aparelhos declarou:

— Não me preocupo com os que deixarem de pagar as prestações. Sei onde os encontrar.

Feliz vendedor. Quantos conhecemos nós (de tanto já os termos visto) que invejam a sua sorte.

Uma senhora de S. Paulo, ao comemorar o seu 100.º aniversário juntou à sua volta os seus descendentes: 8 filhos (morreram-lhe outros 7) 100 netos, 170 bisnetos e 66 trinetos: total 344 pessoas.

Várias profissões estiveram representadas nesta reunião: 10 advogados, 8 dentistas, 6 contabilistas e 20 professores, etc. e... nenhum paraquedista.

Moral da história: todos estes descendentes querem chegar à idade da sua progenitora.

Fernand Enjelbest, natural de Milhau conseguiu levantar com os dentes um peso de 241 quios o que constitui — segundo parece — «record» do mundo.

Enjelbest é filho do detentor do record mundial de levantamento ás costas com um peso de (!) 1.125 quilos.

Estes fenómenos devem merecer estudo pormenorizado por parte dos especialistas em perrologia, burrologia e elefantíase.

Quatro mil toneladas de medalhas militares norte-americanas destinadas a galardoar feitos praticados durante a última guerra mundial encontram-se armazenadas em Washington, pois os contemplados nunca as requereram.

O Governo norte-americano está a pagar por ano uns bons milhares de dólares pela armazenagem daquele metal.

Das duas, três: 1 — As medalhas são de cortiça e ninguém as quere. 2 — As medalhas são de ouro e valem a despesa. 3 — (?) Esta é que deve ser a verdadeira.

PALAVRAS CRUZADAS

Solução do número anterior

HORIZONTAIS

1 — Sobe; vira. 2 — Ave; da; rir 3 — Fa; saca; ré. 4 — Parola. 5 — Sic; ela. 6 — Ata; ida. 7 — Admira. 8 — Al; Alda; tu. 9 — Ras; la; Tui. 10 — A-os; atar.

VERTICAIS

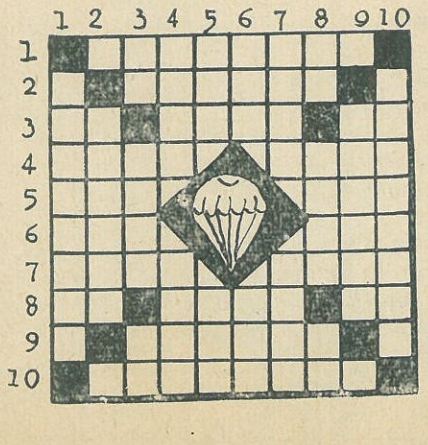
1 — Safo; rara. 2 — Ova; Sa; lar. 3 — Be; pita; só. 4 — Sacada. 5 — Dar; Mil. 6 — Aço; ida. 7 — Aleira. 8 — Ir; Alda; tt. 9 — Rir; aa; tua. 10 — Area; ruir.

HORIZONTAIS

1 — Livre pensador. 2 — Censura jocosa. 3 — Art. def. pl.; degradação moral; prefixo de aproximação. 4 — Peleja; Tornei a ler. 5 — Actua; nota musical pl. 6 — Morte; partias. 7 — Espécie de enguia; grassa. 8 — Porco pequeno; épocas; nesse lugar. 9 — Associaras. 10 — Rezaramos.

VERTICAIS

1 — Construção lacustre sobre estacaria. 2 — Insinuo. 3 — Nome de letra pl.; assusto-me; antiga cidade da Caldeia. 4 — Torrente; rio que banha Paris. 5 — Base aérea; troçar. 6 — Nota musical pl.; pedra de altar. 7 — Rezar; guarnecem de asas. 8 — Nota musical; descende de Mafona; isolado. 9 — Ligada para acção comum. 10 — Narração de aventuras extraordinárias.



Um conto

O CHINQUILHA

Por L. S. Faria

Quem não conhecia o Chinquilha em léguas e léguas em redor. Era um homem alegre, falador, forte e sádio. Um dos seus fracos era contar a sua vida desde que se puxasse pela conversa. E foi assim, que uma tarde quente de verão, petiscando uns bocados de bom presunto, eu soube a sua história. Começou a narrar-ma com uma voz pausada e sem emoção. Repetira já tantas vezes a mesma coisa. Para ele era a única justificação da sua vida.

— Meus pais morreram cêdo. Era eu pequenito, mas lembro-me Vivia-se bem em casa, embora fossemos caseiros da Sra. D. Rosa. Meus irmãos ficaram com tudo e gastaram tudo na justiça. Tive que trabalhar para viver Nunca fui à escola. Primeiro uns recaditos e depois a trabalhar ao jornal. Cresci e cheguei à idade de ir para a tropa. Fui apurado para o 20 de Infantaria. Rebentou a Guerra e embarquei para Lourenço Marques.

E a sua história continuou.

Mas o Chinquilha não era só isto. Sempre que alguém falasse na sua presença, em conhecimentos ele soltava sempre a sua frase preferida:

— Um homem só é homem quando viaja. Lembrem-se que eu já mijei no mar. E partia convencido que ninguém era mais vivido que ele.

Em terras de África, ele ganhou uns tostões negociando com os camaradas Regressou à Metrópole já licenciado e voltou para a sua aldeia narrando feitos que jámais realizara.

— Eh Chinquilha tu foste dos que beberam água de tabaco.

— Ah isso é que não. Lá água de tabaco não, mas sempre que podia safava-me.

O Chinquilha no fundo era um oportunista que se encontrava em todas as partes. Sempre à frente, ele tornava-se quáse indispensável em todas as festas típicas da sua região. Quando era necessário um animador, ele comparecia sempre a ocupar o lugar que estava destinado Foi assim que se tornou um homem célebre quando da Monarquia do Norte. Tinha ido à cidade e soube a notícia Foi o primeiro a chegar com a boa nova à sua freguesia. Dirigiu-se à Torre da sua igreja paroquial a tocar os sinos a rebate.

Reunida toda a gente relatou-lhes os factos e traçou um programa de acção. Cortar as linhas telefónicas e fazer uma manifestação. Tudo se realizou como ele dissera. Na calada da noite cortaram todas as vias de comunicação e no dia seguinte o Chinquilha, com uma bandeira que ele guardava ciosamente no fundo duma arca, novinha da monarquia, à frente de todos, entoava o hino, tendo tido uma recepção extraordinária na sede do concelho, aonde todos ainda surpreendidos pelo *movimento* golpe político, se abstinham de manifestar o seu regosijo. O Chinquilha e a sua gente foram o rastilho. Tudo saiu para a rua, tudo embandeirou as suas casas. Festa grande em que o Chinquilha era o rei. Andava numa roda viva

Mais tarde as notícias começaram a não ser tão tranquilizadoras. O Chinquilha recolheu-se à sua freguesia e continuou a sua vida, calado e escondido, esperando o resultado Finalmente soube a notícia — a Monarquia do Norte havia ruido. Novamente se tornou uma pessoa importante. O mesmo pau que havia servido para içar a bandeira azul e branca tem agora uma novinha da República e lá vai ele para a sede do distrito. É ainda a figura típica de animador. Entoa até ficar completamente rouco o Hino Nacional, dá vivas, dá morras, fala, discute a convencer.

Passados dois dias, começaram as autoridades a investigar quais os provocadores do desmando e motim. E o Chinquilha tomou uma atitude — fugiu e com ele todos aqueles que haviam cortado as linhas telefónicas. Andou um ano por fora. Ninguém sabia dele. Até que um dia chegou. Tinha andado no contrabando. Dinheiro fácil, mas arriscado. Todos se riram dele quando voltou.

— Eh Chinquilha então és um vira-casacas.

— Que quereis um homem vai com os que veem

Esta tem sido a grande norma do Chinquilha. Embora se sinta um farrápo ele vai com os que veem.

Contra a nossa vontade, este número é publicado com considerável atrazo, assim como também não inserimos anedotas, porque o «fábrica» delas está paralizado com falta de combustiveis. Pelo anteriormente citado, pedimos a todos os paras o favor de se desculparem.

Esclarecimento

« . SALTA!» é o nosso periódico. À sua elaboração e difusão preside um conceito de exclusividade: feito «só por e para paraquedistas.

Nisso se diferencia de qualquer publicação corrente e é descabida a sua extensão a entidades que não tenham conosco directa relação. Só quem sinta como nós, poderá apreciar e dar algum valor ao nosso jornal.

A distribuição a outrem que não nós, os «paras», estaria para além da finalidade para que foi criado e da autorização que permite a sua «publicação privada».

Para que esta modesta folha seja um elemento de confraternização cultura e recreio, é necessário que cada um de nós o apoie com a sua colaboração.

E cada um pode e deve dá-la: não é indispensável possuir dotes extraordinários para produzir muito ou pouco de qualquer género

É preciso sim, decisão e lembrares-te que «...SALTA!» espera a tua colaboração.

...SALTA!

Orgão Mensal do Paraqedista

Director e Editor

Tenente Fernando Soares Cunha

Redactor Principal

Furriel Claudino Cruz Ferreira

Composto e Impresso nas

Oficinas Gráficas da E. P. E.

Ano I — Outubro — N.º 2 — 1956